

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ EM SALA DE AULA: Conto, Magia e Realidade

Brenda da Silva Dias Rocha



GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

EM SALA DE AULA:

Conto, Magia e Realidade

Brenda da Silva Dias Rocha



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLe MESTRADO EM
LETRAS

Produção Técnico-Tecnológica (PTT)

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ EM SALA DE AULA: Conto, Magia e Realidade

Autora: Brenda da Silva Dias Rocha
Orientadora: Kátia Carvalho da Silva Rocha

Imperatriz - MA, 2025

FICHA TÉCNICA

Título: GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ EM SALA DE AULA: Conto, Magia e Realidade

Autora: Brenda da Silva Dias Rocha

Orientadora: Profº. Dra. Kátia Carvalho da Silva Rocha

Projeto Gráfico (capa e ilustração de início de capítulo): Arthur Rocha Almeida

Origem do Produto: Ebook elaborado a partir da pesquisa “Do eterno, o etéreo: o sagrado e o profano em *Cem Anos de Solidão*”, Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).

Público alvo: Professores de ensino médio.

Categoria do produto: Ebook; Material Didático.

Objetivo: Auxiliar o docente na formação de um leitor literário a partir do conto “Um senhor muito velho com umas asas enormes”, de Gabriel García Márquez, visando contribuir com a formação do senso crítico, da emancipação na leitura de códigos e no fomento de experiências estéticas, filosóficas e narrativas no educando.

Disponibilidade: Irrestrita, respeitando os direitos autorais, não permitindo a utilização comercial por terceiros.

Divulgação: Digital através do site do Programa de Pós Graduação em Letras (PPGLE) da Universidade Estadual da região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

Idioma: Português

Local: Imperatriz, Maranhão, Brasil.

Ano: 2025

SUMÁRIO

Apresentação	6
García Márquez e o Realismo Mágico na América Latina	8
O conto em sala de aula.....	9
Um senhor muito velho com umas asas enormes.....	12
Lendo e entendo o conto.....	13
Propostas didáticas para “Um senhor muito velho com umas asas enormes”.....	16
1º aula: apresentação da leitura	17
2º aula: análise guiada do conto	19
3º aula: produção textual a partir do conto	20
4º aula: estudo da adaptação do conto para o teatro (aula extra)	20
Considerações finais	22
Referências	23
anexo I	25
anexo II.....	31
anexo III.....	34

APRESENTAÇÃO

Caro(a) professor(a),

Este produto educacional foi elaborado a partir da dissertação de mestrado "Do Eterno, o Etéreo: o sagrado e o profano em *Cem Anos de Solidão*", de Brenda da Silva Dias Rocha, orientada pela Prof. Dra. Kátia de Carvalho da Silva Rocha e defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (PPGLE - UEMASUL). Este material busca oferecer a você, professor(a) do Ensino Médio, um caminho prático e reflexivo para explorar o universo de Gabriel García Márquez em sala de aula, com um foco especial no conto "Um senhor muito velho com umas asas enormes". Se fará, então, um apanhado teórico breve sobre o autor e o gênero do Realismo Mágico na América latina, em seguida uma discussão acerca do conto no contexto educacional e, finalmente, propostas práticas para o trabalho com o conto em sala de aula.

Foi proposto o trabalho com o conto em quatro aulas, sendo a última uma aula opcional extra. A primeira é focada na apresentação do conto, leitura e discussão das primeiras impressões, a segunda é baseada em uma análise mais aprofundada das características do conto e debate dos principais temas que ele levanta, a terceira são algumas propostas de produção textual extraclasse inspiradas no conto e, por fim, na quarta aula, a sugestão de trabalhar, além do conto, sua adaptação para a peça teatral *Velhos caem do céu como canivetes*, de Marcelo Flecha.

Considerando a relevância dos textos de García Márquez e o contexto educacional, os contos do autor revelam-se como materiais acessíveis e pertinentes para o estudo em sala de aula, tanto a partir do seu potencial pedagógico, quanto a partir das suas possibilidades de uso. Logo, a escolha por García Márquez justifica-se não apenas por sua inegável importância como um dos pilares do *Boom Latino-Americano* que fortaleceu uma identidade própria à literatura do continente, nem somente pela laureação ao Prêmio Nobel de Literatura que o reconheceu como um escritor de importância singular, mas principalmente pela riqueza multimodal de suas narrativas, que transitam entre a realidade mais absurda e a fantasia mais verdadeira, oferecendo um terreno fértil para discussões sobre identidade, cultura, história e a própria condição humana. Suas obras, fundadas através do Realismo Mágico, convidam leitores a questionar as fronteiras entre o possível e o impossível, o cotidiano e o maravilhoso, o sagrado e o profano,

revelando o que é desconsertadamente “Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco” (Márquez, 1982, p. 2).

O conto selecionado, "Um senhor muito velho com umas asas enormes", pertence à coletânea de contos *A incrível e triste história da Cândida Erêndira e sua avó desalmada* (2019), sendo apropriado para uma abordagem no Ensino Médio, e este material intenta contribuir para melhorar essa abordagem. O conto condensa elementos centrais da obra garciamarqueana, como a representação da realidade a partir do absurdo, o reflexo da humanidade e ainda o uso de recursos textuais e metafóricos para a criação de uma ficção única e completa.

Assim, esse ebook foi formulado com o objetivo de fornecer uma base teórica e uma prática acessível e planejada. Entendendo que dentro da aquisição de saber do educando está a literatura, e que, entre as múltiplas formas de letramento, o literário é um dos meios de capacitar o entendimento e compreensão de mundo através da potência da palavra, este Produto Técnico-Tecnológico (PPT) procura contribuir com a formação do senso crítico, da emancipação na leitura de códigos e no fomento de experiências estéticas, filosóficas e narrativa no aluno, através da produção desse material pedagógico para auxiliar professores na formação de um leitor literário a partir das obras de Gabriel García Márquez.

Nosso objetivo é que este material sirva como um guia inspirador, um ponto de partida para que você, professor(a), possa adaptar e criar suas próprias abordagens ao trabalhar com a magia, a realidade e a profundidade das obras de Gabriel García Márquez, contribuindo para a formação de leitores mais críticos, sensíveis e conscientes da riqueza da literatura latino-americana.

GARCÍA MÁRQUEZ E O REALISMO MÁGICO NA AMÉRICA LATINA

Nascido em Aracataca, Colômbia, em 6 de março de 1927, Gabriel García Márquez, teve uma carreira solidamente construída antes de se tornar escritor como profissão integral. Os seus livros fazem parte daqueles que deram protagonismo para a realidade latino-americana, e contribuiram significativamente para *Boom Latino-American*, que foi a convergência de uma quantidade de produção literária na década de 1960 que se expandiu para o mundo (Waqil, 2014), levando autores latinos a serem reconhecidos internacionalmente, principalmente a partir de suas características em comum: o explorar das realidades sociais, políticas e culturais do continente através de uma linha narrativa até então inabitual, o Realismo Mágico.

Além disso, também recebeu, em 1982, o prêmio Nobel de literatura. Portanto, ele é um escritor de importância evidente, cujas obras contém grande capacidade investigativa. Ele diz que nessa profissão sempre escreveu a verdade, sendo essa a melhor fórmula literária (Belonia, 2014), ideia que contrasta com suas histórias do Realismo Mágico, que, a olhos desatentos, parecem dos absurdos mais inverossímeis. O Realismo Mágico presente em suas obras serve para demonstrar o absurdo da mais comum realidade cotidiana. Gabriel García Márquez, no seu discurso ao Nobel, discorre que a história da América Latina é perpassada por acontecimentos descomunais e fantasiosos, mais que os possíveis de serem retratados:

Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes quotidianas, e que sustenta um manancial de criação insaciável, pleno de desdita e de beleza, da qual este colombiano errante e nostálgico não é mais do que uma cifra determinada pela sorte. Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandros, todos nós, criaturas daquela realidade desaforada, tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque o maior desafio para nós tem sido a insuficiência dos recursos convencionais para fazer crível nossa vida. Este é, amigos, o nó de nossa solidão. (Márquez, 1982, p. 2)

Assim, escrever no estilo do Realismo Mágico foi a forma mais verossimilhante que o autor achou de retratar os acontecimentos absurdos que acompanham a história latina. O Realismo Mágico

(...) revela a preocupação elementar de constatar uma “nova atitude” do narrador diante do real sem penetrar nos mecanismos de construção de um outro verossímil, pela análise dos núcleos de significação da nova narrativa ou pela avaliação objetiva de seus resultados poéticos, a crítica não pôde ir além do “modo de ver” a realidade. Esse modo estranho, complexo, muitas vezes esotérico e lúcido, foi identificado genericamente como a “magia”. (Chiampi, 1980, p. 21)

Esse gênero utiliza elementos mágicos para servir à obra, tratando as questões sobrenaturais como próprias do cotidiano, numa oscilação entre realidade e ultra realidade. Essa vertente acabou por fazer parte da escrita de García Márquez para retratar a violência, o progresso, as tradições, as guerras, a miséria e os sentimentos latinos.

Desta forma, Gabriel García Márquez aderiu ao Realismo Mágico como estilo de escrita, acreditando que através dele poderia explanar a cultura, as crenças, os mitos e a história de seu povo, escrevendo como sempre ouviu, desde o descobrimento das Américas ao fim de diversos povos: a realidade se misturando à ficção, como comprova em seu discurso ao Nobel *A solidão da América Latina* (1982). Nas palavras de Irlemar Chiampi (1980), o Realismo Mágico revela uma "nova atitude do narrador diante do real", construindo outro tipo de verossimilhança onde o "modo estranho, complexo, muitas vezes esotérico e lúcido" de ver a realidade é identificado como a "magia". Em García Márquez, isso se traduz em personagens que ascendem aos céus, chuvas que duram anos, mortos que retornam porque se sentiram sozinhos, ou, como veremos no conto analisado, um anjo decrépito que vai parar em um galinheiro.

Esse estilo permeia toda a obra do autor, desde os contos até os romances. Ao adotá-lo como sua principal ferramenta narrativa, ele ajudou a inaugurar uma revolução das formas de representação da realidade através de uma linguagem que abarca as coordenadas da cultura regional sem, por isso, ser menos representante de uma realidade universal. Seus romances e contos, embora profundamente enraizados no Caribe colombiano, dialogam com questões existenciais que transcendem fronteiras geográficas e culturais: a solidão, o amor, a morte, o poder, a memória e a passagem inexorável do tempo. Trabalhar com García Márquez em sala de aula é, portanto, convidar os alunos a adentrarem em um universo onde a linha entre o real e o fantástico muitas vezes não existe, permitindo uma reflexão mais profunda sobre a própria natureza da realidade e as múltiplas formas de enxergá-la.

O CONTO EM SALA DE AULA

As propriedades do conto são bastante exploradas no ensino médio enquanto gênero textual. Os alunos são ensinados a entender seu conceito, principais características e estruturas, e, comumente, enquanto atividade, os contos lidos em sala de aula servem ao propósito de se pensar o que é um conto e não se pensar através dele. Porém, como

narrativa curta, possuidora de um clímax e, muitas vezes, com um desfecho surpreendente, o conto é uma das formas possíveis de se conquistar novos leitores. Alfredo Bosi (2001) comenta sobre o conto como condensador de todas as possibilidades da ficção, e, assim, como tal, pode gerar experiências complexas no leitor iniciante acerca das potencialidades da leitura ficcional.

Ainda segundo Bosi (2001, p. 7) “o conto sempre cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade”, por isso, é necessário que haja o questionamento se o conto – e, aliás, todas as formas literárias – seguem a um padrão de gênero imutável em um quadro branco e em um livro didático. Efetivamente, o conto, principalmente ao decorrer dos séculos, vem rompendo com a barreira entre ele e outros gêneros por meio da incorporação de diferentes técnicas e linguagens (Paz, 2015) e, pensando nos contos de Gabriel García Márquez, além das abordagens temáticas ao político, mítico, feminino e imagético, a inserções do fantástico e do poético nas narrativas o fazem inovador de qualquer tradição modelo nas formas de contos.

O Realismo Mágico nos contos de Gabriel García Márquez surge como recurso de representação de um mundo cuja própria realidade é inverossímil, e, se a nossa história humana, latino-americana, é inacreditável, por que a ficção teria que ter compromisso com uma “verdade realista” se a literatura se propõe a ser imitar a natureza, o cotidiano e as ações humanas? O conto escolhido aqui, “Um senhor muito velho com umas asas enormes” trata de circunstâncias absurdas, do ponto de vista real e social e, para abordar essas discussões, o autor se utiliza da ficção e ainda mais de uma ficção fantástica.

Segundo Souza (2013), nos últimos tempos cresceu os interesses de crianças, jovens e adultos por histórias, sobrenaturais, hiper-realistas e maravilhosas, sendo, portanto, um momento propício para o trabalho com contos fantásticos em sala de aula

Abordar a literatura fantástica em sala de aula é não apenas estar atento à implicação dessas leituras sobre os nossos leitores menos experientes, mas também a uma maior compreensão da própria realidade por meio de um olhar crítico sobre essas obras, que especialmente tratam a realidade de uma maneira “inovadora”. (Souza, 2013, p. 17)

Assim, os contos de García Márquez podem despertar um lugar de curiosidade nos alunos, e é necessário tratar a questão do mágico como recurso de comunicação ambígua, em que

ao mesmo tempo em que pode ser literal, também pode ser metafórica, respeitando os limites da interpretação, mas também instigando uma relação íntima com os significados que uma narrativa pode adquirir.

O letramento literário infere a necessidade da interação subjetiva com o texto, para que o aluno retenha todas as potencialidades da palavra, tratando a literatura como algo vivo. As práticas de letramento literário segundo a BNCC (2018) defendem uma autonomia cognitiva, que gera no aluno o exercitar da interpretação, formando-o como leitor e não apenas decodificador.

Segundo Cosson (2006, p. 50) “A literatura não só pode atender a demandas muito específicas de leitura como também permite ao leitor calibrar sua leitura de acordo com a capacidade de compreensão”, assim, o exercício da leitura gira em torno não só do objeto lido, mas também da capacitação que será gerado através dele. Diante disso, um método desenvolvido por esse autor se baseia na “motivação”; “introdução”; “leitura”; e “interpretação”, respectivamente, para o melhor envolvimento e aproveitamento da leitura literária.

Logo, portanto, a “motivação” se baseia na construção de circunstância que gerem desejo pelo texto. Um bom meio para o conto escolhido, é a explanação da sinopse de maneira curiosa, ressaltando os elementos de estranhamento ou semelhança presente no conto.

Cosson (2006) também comenta sobre a condução da leitura de maneira interna e externa. Isso é, a leitura se concretizar no âmago de cada aluno a partir das conversas consigo e com o outro. Rouxel (2012) comenta sobre o costume da escola de excluir o leitor na participação ativa no texto ao retirar sua subjetividade de suas interpretações e construções de sentido. Segundo ela, o leitor precisa se envolver com uma experiência individual, não sendo apenas um receptor passivo. Estimular essa prática, assim como a do debate coletivo (condução da leitura externa) cabe a escola, muito além de ressaltar somente elementos estruturais do texto. A seguir, faremos uma proposta dinâmica de trabalho com o conto “Um senhor muito velho com umas asas enormes”, de Gabriel García Márquez, que intenta servir de guia norteador para o professor em sala de aula, de forma que ele possa modulá-lo e adaptá-lo, segundo a necessidade de cada contexto escolar.

Um senhor
muito velho
com umas
asas enormes



LENDÔ E ENTENDÔ O CONTO

Escrito em 1968 e publicado em 1972, o conto “Um senhor muito velho com umas asas enormes”, de Gabriel García Márquez, é um conto que trata de decrepitude, estranheza, do mítico religioso, interesse comercial e do grotesco, podendo ser abertas várias ramificações de discussões através dessas temáticas.

Responsável por vários feitos da literatura latino-americana como *Cem anos de solidão* e *O amor nos tempos do cólera*, Gabriel García Márquez, no seu discurso ao Nobel em 1982, dá vários exemplos de acontecimentos espantosos que já assolaram o mundo para dizer que a realidade é descomunal e absurda e que a sua literatura é uma reprodução disso. Assim, a sua literatura não é somente a literatura do fantástico, mas, sobretudo da realidade. A partir desse discurso podemos afirmar o caráter mimético e, ao mesmo tempo, verossimilhante, dos escritos de García Márquez e podemos concluir, portanto, que “Um senhor muito velho com umas asas enormes” é uma representação de histórias, sentimentos e atitudes que merecem ser colocadas em discussão.

O conto, (presente no anexo 1) enreda uma vila lamaçenta geograficamente localizada em manguezais onde é encontrado uma criatura deplorável que se parecia com um velho ferido se não fosse pelo seu par enorme de asas. A partir daí, começam a examinar se ele era um anjo de Deus ou do diabo, ou simplesmente um bicho, como uma galinha. Por ser exótico, a criatura foi submetida a todo tipo de experimento (inclusive torturas), deixado em um galinheiro e transformado em comércio como espetáculo público, para onde vão não só os curiosos de todo o mundo, mas também os enfermos buscando milagres, os visionários buscando transformar o futuro e os mercadores buscando lucro. Até que aparece uma nova atração: uma mulher que foi transformada em aranha por desobedecer aos pais e as pessoas abandonam-no ao esquecimento. O ser alado fica na casa, estorvando seus moradores que o tratam como um bicho inconveniente, até que lhe crescem penas novas e ele conseguir, da maneira mais desajeitada, sobrevoar as casas até o horizonte.

Este conto de García Márquez é um claro produto do universo do realismo fantástico, construído com o objetivo de, através de uma hipérbole literária, se ter a verdade do mundo exterior:

Com efeito, ao contrário do que fizeram diversos teóricos e críticos da literatura fantástica, não devemos analisar o fantástico nem por seus temas nem por qualquer efeito sobre o leitor (seja o suspense, o horror, a inquietude ou a hesitação). O que importa é antes o radicalismo com que ele capta a estrutura

da realidade, isto é, a maneira como ele ultrapassa as possibilidades físicas naturais no intuito de atingir as verdadeiras raízes que alimentam a essência do mundo social. (Siffert, 2021, p. 32)

Assim, podemos ler o conto como uma maneira de apresentação da realidade.

Para começar, o conto ambienta um momento triste e insalubre na aparição da criatura, algo bem diferente do que se costuma atribuir às chegadas de anjos (vozes gloriosas ao fundo, uma luz sobrenatural, temor humano). Porém, sem nenhum reconhecimento por parte das personagens, ao final do conto, a criatura tinha transformado a vida da família. O filho que estava doente foi curado, a casa, antes cheia de caranguejos se transformou em uma mansão de dois andares, o padre Gonzalo se curou da insônia e a família finalmente chegou a assumir as aparências que sempre quiseram.

Mas, em torno do anjo, os comentários que faziam eram de estranheza e repúdio, pois a aparência da criatura era decrepita e “se a beleza é entendida como a parte da tríade dos valores positivos, nos quais também fazem parte a verdade e o bem, o feio é associado à mentira e ao mal” (Lino, 2015, p. 19) e, por isso, desconfiavam da procedência da criatura, chegando a associá-lo a anjo da morte, a galináceo, a animal de circo e demônio, porque “nada da sua natureza miserável estava de acordo com a egrégia dignidade dos anjos” (Márquez, 2019, p. 12).

A partir daí vemos algo recorrente, a inclinação a considerar aquilo que aparentemente não é belo ou comum a algo inatural, digno de repúdio, de desprezo ou ainda de violência. Observamos muitos casos como esse a partir de um panorama histórico: por causa de sexualidade, etnia, forma física, gênero, muitas pessoas foram tratadas como atração risória em rodas sociais, rebaixadas pela particularidade corpórea, castigadas pela manifestação das diferenças, escravizadas pela prepotência racial de outros, mortas pela intolerância ao que por ser “incomum” era ameaçador.

Assim sofreu o anjo do conto, e quando era agradado com “almoços papais que lhe levavam os penitentes” (Márquez, 2019, p. 12) não o era por bondade, mas pela busca de um benefício próprio, sendo uma discussão marcante em torno da história. Desde que aparece o anjo, as pessoas buscam lucrar de alguma forma com isso. Os enfermos vieram em busca de saúde, os donos da casa cobrando dinheiro para verem o anjo, pessoas aproveitaram para fazer da casa um comércio, e tudo girou em torno de o que poderiam conseguir com aquela atração turística.

A partir daí, percebemos que mesmo sem entender a natureza da criatura, quem era o verdadeiro vilão não era ele, era o seu entorno. Ele veio como uma espécie de

despertamento do que havia de mais interior no instinto humano: a busca ao benefício próprio.

No debate sobre a natureza da criatura, compararam-no também a uma galinha. O apelidam assim, por ele não ter os comportamentos que gostariam, tratando-o como um ser irracional. Numa perspectiva social, a comparação entre homem e animal aconteceu em muitos contextos, quando se fugia de um padrão de comportamento ou aparência esperada, principalmente se tratando do ideal comparativo do eurocentrismo.

Além dessas perspectivas, Moura (2023) analisa o conto sob a concepção da alusão bíblica para investigar o impacto que a criatura gera a partir da percepção de se tratar de um anjo. Segundo ela, anjos são seres grandiosos portadores de mensagens para a humanidade, mas, quando o conto ressalta as características decrépitas da criatura, revela a natureza não do anjo, mas dos habitantes da vila: “Uma criatura que mitologicamente é superior aos humanos, estando entre Deus e os homens, é reduzida à condição de animal por trazer ressaltada em si aquilo que é a marca da finitude do ser humano: a velhice, a incapacidade, a senilidade.” (p. 204). As pessoas do povoado se baseiam na aparência da criatura alada para a torturarem.

Este desacato significa um ato profano no conto, pois, como explicou Agamben Giorgio (2007), a profanação ocorre quando aquilo que está submetido ao cuidado dos deuses é desrespeitado, ou ainda, como simplificou Otto (2017), quando um pecado é cometido. Dessa maneira, as pessoas o tratam indignamente tanto na posição de anjo, quanto de homem, e isso gera reflexões sobre a profanidade não ser apenas um conceito relacionado às ações, mas também ao caráter que gera a ação.

Nesse sentido, pode-se interpretar, inclusive, que o tipo de ser alado aparece como um espelho que reflete aquele vilarejo, pois, no texto bíblico, a grandiosidade dos anjos correspondia à da mensagem que estava entregando e também à do interlocutor, mas aqui a condição moribunda da criatura alude à dos habitantes.

A decisão de apresentar um anjo como personagem central do conto parece intencionalmente provocativa. Ao divergir da imagem tradicional de um ser celestial, a narrativa explora a aversão humana ao que é estranho e desconhecido, mesmo quando se trata do divino. Otto (2007) comenta que o sagrado não possui um externo previsível, assim, o sagrado, nesse contexto, não se restringe a manifestações belas e harmoniosas, mas pode assumir formas que desafiam a compreensão e geram desconforto, podendo inclusive, chegar a ser hediondo e mais semelhante com o que existe no imaginário coletivo a respeito de demônios do que de criaturas santas.

Desta forma, apesar da criatura do conto ter características que a assemelham a uma persona divina e possa de fato ser uma (ou não), não a reconhecem como tal por uma série de quebras em seu aspecto místico, tornando mais complexa sua relação com o sagrado. Primeiro, a decrepitude que ele experimenta rompe o estereótipo angelical, e, além disso, sua proximidade com a aparência humana, faz as pessoas não possuírem temor em relação a ele.

Este antropomorfismo de criaturas sagradas gera no espectador um conforto pela familiaridade. Porém, ao passo que causa menos estranhamento e por isso pode ser mais fácil de lidar, também é diluída a áurea de mistério transcendental que, muitas vezes, é a responsável pelo binômio atração – medo que gera o temor e, assim, aumentam as possibilidades dessas criaturas não serem reconhecidas como sagradas, o que constituiria um ato profano.

Além disso, a incorporação de criaturas sobrenaturais a aparências humanas, gera associação com nossa natureza mortal e corruptível, despojando-as de soberania. Por esse motivo que o teórico Humberto Galimberti (2003) debate que o cristianismo enfraquece o sagrado ao defender que Deus veio em carne, porque destitui a grandeza de um Deus limitando-a a pequenez do homem. Com esses dois momentos na obra de Gabo, vemos uma desestabilização do sagrado pela aproximação a um estado imperfeito. Assim, mesmo que o anjo velho e a morte sejam figuras do sacro, não são reconhecidas como sendo, e passam por algum tipo de indiferença, como a indiferença sob a forma de desprezo a respeito do homem alado.

Dessa forma, os elementos sobrenaturais no conto possuem interpretações válidas a serem debatidas em sala de aula a partir do esclarecimento da corrente artística do Realismo Mágico, do entendimento de alguns parâmetros históricos e da teoria de que há múltiplas análises e questionamentos para um texto literário. A seguir, encontra-se propostas didáticas para estimular a leitura e interpretação deste conto em sala de aula.

PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA “UM SENHOR MUITO VELHO COM UMAS ASAS ENORMES”

Esta proposta didática visa explorar o conto "Um senhor muito velho com umas asas enormes" com estudantes do Ensino Médio, promovendo o debate em sala, reflexões críticas e pensamentos sobre as principais características do conto, como os limites entre a realidade e a ficção, o natural e o absurdo, o religioso e a descrença, a ética e a

intolerância. Alinhado às competências defendidas pela Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente aquelas que envolvem a fruição estética, a análise de contextos de produção e circulação, e a compreensão dos processos identitários e exercício de interpretação de signos e metáforas (como EM13LGG101, EM13LGG201, EM13LGG601, EM13LGG60), esta sequência busca engajar os alunos em uma leitura aprofundada e significativa, nos parâmetros do letramento literário.

Objetivos:

- Identificar e analisar os elementos característicos do Realismo Mágico presentes no conto.
- Interpretar as diferentes reações dos personagens diante da figura do velho com asas, relacionando-as a questões éticas e sociais.
- Discutir as possíveis interpretações do mítico-religioso na narrativa, considerando a ambiguidade do anjo.
- Refletir sobre temas como alteridade, histórias absurdas, intolerância, fé, ceticismo e o comércio do incomum.
- Desenvolver a capacidade de análise simbólica e alegórica em textos literários.
- Produzir textos (analíticos, criativos) a partir da leitura e discussão do conto.
- Observar a peça teatral inspirada no conto para aprofundar as discussões sobre condição humana e ainda sobre o processo de adaptação.

Público-Alvo: Estudantes do Ensino Médio.

Tempo Estimado: 3 a 4 aulas (50 minutos cada), flexível conforme o ritmo da turma e a profundidade das discussões.

1º AULA: APRESENTAÇÃO DA LEITURA

Instigação e motivação para a leitura:

Inicie a aula perguntando aos alunos se acreditariam se você dissesse que já tinha visto um anjo. Ao se deparar com a incredulidade ou crença das respostas, questione como eles acham que anjos são. Pergunte também, se eles conseguiram imaginar um anjo velho. Pergunte-os, se eles supõem que anjo velho tem mais características de anjo, como a

grandiosidade e o ato de fazer milagres, ou de velho, como ser rabugento, cansado e doente. Fale para eles que o anjo do qual você está falando, é curioso porque ele realmente estava muito velho e encontraram-no caído em um lamaçal e o puseram em um galinheiro, porque ele estava muito acabado, inclusive fedendo, mas que a questão central, é a forma que as pessoas que o viram e o trataram, que é o mais impactante e absurdo na história.

Leitura do conto

Faça a leitura do conto em sala de aula com os alunos (o conto está ao final do trabalho, no anexo I). Para uma leitura coletiva, o ideal é que todos consigam acompanhar a leitura, seja através da cópia impressa do conto ou da exposição do conto em apresentação de data show. Outras possibilidades menos possíveis a professores do ensino médio, mas que, a depender do seu contexto, pode ser um bom recurso, é acompanhar o conto através de um aparelho digital (celular, tablet, kindle, notebook etc.) ou ainda de um exemplar do livro. A leitura coletiva aqui é defendida principalmente pelo oferecimento de uma experiência conjunta, pois esse conto, sendo rico em nuances e acontecimentos, pode deixar os alunos em posição de público de um espetáculo, gerando sensações e reações instantâneas. Além disso, outros benefícios da leitura coletiva são os linguísticos, como a melhora na fluência e pronúncia da leitura e também auxilia a compreensão e atenção, pois ao acompanhar uma leitura, envolvendo os sentidos da visão e audição, é menos provável que o aluno se distraia ou não entenda. A sugestão é que seja uma leitura dramatizada (pelo professor ou um aluno que ressalte as emoções e acontecimentos do conto através de recursos como entonação, pausa, etc.) ou ainda compartilhada (cada aluno lê um uma parte). Para facilitar a leitura, faça o dicionário conto, levando os significados das palavras mais incomuns, que você pode deixar disponível no quadro em branco durante a leitura do conto.

Discussão das primeiras impressões do conto

Essa primeira aula tem por foco a apresentação do conto, por isso, nessa primeira discussão, trabalhe aspectos mais “superficiais” da leitura. Pergunte aos alunos suas impressões iniciais e o que eles acharam do conto. Pergunte se eles acham que essa é uma história que possivelmente eles ouviriam de alguém ou é algo completamente absurdo. Comente com eles sobre o discurso de Gabriel García Márquez no prêmio Nobel de

Literatura¹ em 1982, em que ele conta das inúmeras histórias inacreditáveis que o continente passou e depois compartilhe histórias inacreditáveis que você mesmo já ouviu, principalmente aquelas que envolvem “seres sobrenaturais”, se tiver oportunidade, também ouça seus relatos. Questione os alunos sobre a figura do velho: Quem ele poderia ser? Um anjo de Deus? Do Demônio? Um animal como uma galinha? Um ser humano comum, mas de uma raça com asas? Lembre-se que não há respostas certas.

2º AULA: ANÁLISE GUIADA DO CONTO

Discussões sobre os principais aspectos do conto

Passado o momento de apreciação e apresentação da leitura, essa parte consiste em conversas mais aprofundadas sobre os aspectos do conto com o objetivo de gerar reflexões e trocas de ideia. Se houver um espaço hábil entre a primeira e a segunda aula, envie-os um questionário sobre o conto (anexo II) para o aluno pensar e escrever suas opiniões para melhor guiar o debate, caso não, você deve mediar o debate com mais explicações e dando suas próprias opiniões. Para começar, então, forme uma roda de conversa. Comente com eles sobre Gabriel García Márquez e seu contexto de escrita. Aborde também sobre o gênero do Realismo Mágico e sua relação com a América Latina e ainda sobre as demais obras do autor. Fale com eles sobre a representatividade metafórica dessas obras, se possível, com exemplos². Aproveite esse espaço para conversar sobre a realidade da ficção e fornecer uma visão mais atenta sobre as narrativas que eles leem. Volte ao conto e, para começar, analise com eles a representação dos espaços (o pátio dos mangues, o galinheiro e a casa nova), indague também com eles a impressão que cada personagem teve do ser alado e suas reações. Entenda que cada personagem citado representa uma parcela da população, por isso, é interessante questionar a forma como cada um lidou com a criatura: Pelayo, Elisenda, a vizinha “sábia”, o Padre Gonzaga, a criança, o médico e a multidão. Discuta a exploração

¹ MÁRQUEZ, Gabriel García. A solidão da América Latina. Conferência Nobel apresentada em 8 de dezembro de 1982. Tradução de G. J. Creus para o texto disponível em http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1982/marquez-lecture-sp.html. Tradução disponível em: <file:///C:/Users/Dell/Downloads/georabén,+GaboConfNobelPT.pdf> acesso em: 20 de setembro, 2024.

² Na minha dissertação “Do eterno, o etéreo: o sagrado e o profano em *Cem Anos de Solidão*” comento, especialmente no terceiro capítulo, algumas passagens de *Cem Anos de Solidão* e suas simbologias metafóricas, utilizando da ficção como um retrato da realidade. Além desse trabalho, análises interpretativas de poemas, livros, músicas e filmes latino-americanos, também costumam trabalhar com bons exemplos de simbologias.

comercial da criatura e a chegada da mulher-aranha. O que esses episódios revelam sobre a natureza humana e a sociedade retratada? Explore os conceitos de Realismo Mágico e pergunte aos alunos por que esse conto pertence a tal movimento. Se puder, aborde o que a passagem do tempo fez com a perspectiva dos habitantes, a linguagem utilizada por García Márquez, a crítica à Igreja institucional na figura do padre Gonzaga, a relação entre o velho e a criança. Incentive também conexões com outras obras literárias, filmes, notícias ou situações do cotidiano que abordem temas semelhantes (a chegada de um estrangeiro, a reação ao diferente, a exploração da fé, etc.)

3º AULA: PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DO CONTO

Atividade para casa

Visto que até agora a prática educacional do conto consistiu em debates em sala de aula (salvo se o professor resolveu aplicar o questionário do anexo II), esse momento é baseado na ideia de apropriação pessoal da narrativa. Para isso, proponha uma atividade de produção textual que permitam aos alunos expressar sua compreensão e interpretação do conto. A seguir, algumas sugestões de atividade:

- Escrever um final alternativo para o conto.
- Produzir um texto dissertativo-argumentativo sobre um dos temas centrais (ex: "A banalização do extraordinário na sociedade contemporânea") ou ainda um texto dissertativo argumentativo nos moldes do ENEM sobre um tema em que os alunos possam utilizar o conto como repertório literário (como por exemplo, imigração, consumo e capitalismo, religiosidade e profanação, estranhamento e barbárie etc.)
- Criar um diário de um dos personagens (Pelayo, Elisenda, Padre Gonzaga) relatando a experiência com o velho.
- Recriar a narrativa sobre o ponto de vista da criatura.
- Escrever um conto inspirado no Realismo Mágico, partindo de um evento extraordinário do cotidiano.
- Realizar uma análise comparativa entre o conto e outra obra que trate da figura do diferente e do impacto frente a isso.

4º AULA: ESTUDO DA ADAPTAÇÃO DO CONTO PARA O TEATRO (aula extra)

Introdução ao processo de adaptação

As obras de Gabriel García Márquez são frequentemente adaptadas para outro suporte, e uma das adaptações feitas foi a esse conto. A Pequena Companhia de Teatro, do estado do Maranhão, adaptou o texto de García Márquez para uma peça teatral chamada *Velhos caem do céu como canivetes*, escrita e produzida pelo dramaturgo Marcelo Flecha, protagonizada por Cláudio Marconcine (ser humano) e Jorge Choairy (ser alado) e disponível na plataforma do YouTube³, publicado em 2023. No anexo III deste arquivo está uma análise mais profunda da peça teatral. Caso o professor opte por fazer essa análise com a turma, aconselhamos que primeiro haja um debate sobre o processo de adaptação, principalmente no quesito de discussão acerca da “fidelidade” e também da diferença no processo de transmutação de um suporte para outro. Em seguida, oriente os alunos a assistirem à peça teatral em casa ou faça uma “sessão de cinema” com eles. A partir de então você pode dividi-los em quatro grupos para cada um expor um eixo de análise da peça:

Grupo 1 – Cenário e Objetos

- Como o cenário (gaiolas, purificador de água, torre de latas de guaraná) reflete a vida do "ser humano"?
- O que os símbolos religiosos (crucifixos, torre de Babel) revelam sobre o personagem?

Grupo 2 – Figurino e Personagens

- Compare o figurino do "ser humano" (roupas velhas) e do "ser alado" (asas de galinha). O que isso comunica sobre eles?
- Como a postura e as expressões dos atores reforçam a miséria e a solidão dos personagens?

Grupo 3 – Diferenças entre Conto e Peça

- Liste 3 diferenças entre o conto de García Márquez e a peça (ex.: ausência da multidão, motivação do "anjo").
- Por que a peça não é uma "cópia fiel" do conto? O que ganha com essas mudanças?

Grupo 4 – Temas e Críticas

³ https://youtu.be/4g9jRUGu3QY?si=9W_HYqsOwspe90Kz

- Como a peça aborda a fé, a solidão e a exploração do diferente?
- Qual o significado do final (o ser humano matar o ser alado)?

Socialização: Cada grupo apresenta suas conclusões em sala de aula e você pode encerrar este momento gerando reflexão sobre o poder simbólico da arte, retomando os principais pontos discutidos e reforçando a riqueza da obra de García Márquez e da peça de Marcelo Flecha como um convite à reflexão sobre a complexidade do mundo e da condição humana. Incentive os alunos a buscarem outras obras dos autores e a continuarem explorando as múltiplas camadas de significado que a literatura pode oferecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa produção técnico-tecnológica (PTT) buscou auxiliar os professores na empreitada de trabalhar com uma obra de Gabriel García Márquez, o conto “Um senhor muito velho com umas asas enormes”, por acreditar na importância do autor para o contexto educacional, latino-americano e artístico. A partir da análise desse conto, percebe-se as potências significativas que ele contém, podendo retratar a humanidade do ponto de vista da fé e do interesse e gerar debates caros à sala de aula.

Esperamos que este material, inspirado na dissertação “Do Eterno, o Etéreo: o sagrado e o profano em *Cem Anos de Solidão*” e estruturado teoricamente para oferecer bases para as discussões e ainda o porque discutir, além de, também, ofertar maneiras práticas de levar o conto para a sala de aula, realmente contribua com a prática pedagógica de professores que buscam desenvolver um melhor letramento literário com suas turmas.

Ao longo deste ebook, buscamos contextualizar a obra de Gabriel García Márquez no cenário do Realismo Mágico e do *Boom Latino-Americano*, para evidenciar sua influência na literatura latina e na literatura do contexto geral, principalmente através deste gênero que ajudou a inaugurar uma frente literária ao continente e que evidencia o que acontece no interior deste lugar da forma menos fictícia que a literatura de ficção fantástica poderia fazer.

As propostas didáticas que acompanham cada análise foram pensadas como sugestões flexíveis, possíveis de serem adaptadas segundo as necessidades de cada professor. Com esse trabalho, esperamos contribuir com a formação de um ambiente de leitura ativa, reflexiva e crítica, na qual os estudantes não apenas entendam passivamente o conto, mas também participe dele, inserindo neles suas percepções e vivências, pois não

é só a literatura que muda nossa vida, nós também a mudamos ao levar nossas leituras e pontos de vista, num ato de apropriação.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo Maravilhoso: forma e ideologia no romance hispanoamericano**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FLECHA, Marcelo. **Velhos caem do céu como canivetes**. Direção de Marcelo Flecha. São Luís – Maranhão, 2023. Disponível em (YouTube):
<https://youtu.be/4g9jRUGu3QY?si=rYjfjx28b61N0kVB> acesso em 11 de jun, 2025.

KOCK, Ingodore G. Villaça; BENTES, Anna Cristina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MÁRQUEZ, Gabriel García. Um senhor muito velho com umas asas enormes. In: **A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao teatro**. 2º. ed. São Paulo, SP: Ática, 1995.

MOURA, Andressa Kelly Lima Moura. **Mito e religião em Gabriel García Márquez: uma análise do conto Um senhor muito velho com umas asas enormes**. Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, n. 76, p. 187–213, 2024. DOI: 10.9771/ell.v0i76.54023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/54023>. Acesso em: 6 jan. 2025

PAZ, Demétrio Alves. O conto em língua portuguesa em sala de aula. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 263–278, 2015. DOI: 10.11606/va.v0i28.98675. Disponível em: <https://revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/98675>. Acesso em: 4 jun. 2025.

PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura:** quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? *Cadernos de Pesquisa*, v. 42, n. 147, p. 272- 283, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/15.pdf>

STAM, Robert. **Realismo, magia e a arte da adaptação.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SIFFERT, Alysson Quirino. **O realismo do fantástico:** teoria geral e obras exemplares. 2021. 373 p. Tese (doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2021.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXO I

Um senhor muito velho com umas asas enormes⁴

Gabriel García Márquez

“No terceiro dia de chuva tinham matado tantos caranguejos dentro de casa que Pelayo teve de atravessar o seu pátio inundado para atirá-los ao mar, pois o bebê recém-nascido tinha passado a noite com febre e pensava-se que era por causa da pestilência. O mundo estava triste desde terça-feira. O céu e o mar eram uma única e mesma coisa de cinza e as areias da praia, que em março resplandeciam como poeira de luz, tinham-se transformado numa papa de lodo e mariscos podres. A luz era tão fraca ao meio-dia que, quando Pelayo regressava à casa depois de ter deitado fora os caranguejos, teve dificuldade em ver o que era que se movia e gemia no fundo do pátio. Teve de aproximar-se muito, para descobrir que era um homem velho, que estava caído de borco no lodaçal e que, apesar dos seus grandes esforços, não podia levantar-se, porque lho impediam as suas enormes asas.

Assustado por aquela visão aflitiva, Pelayo correu em busca de Elisenda, sua mulher, que estava a pôr compressas ao bebê doente, e levou-a até ao fundo do pátio. Ambos observaram o corpo caído com um silencioso pasmo. Estava vestido como um trapeiro. Não lhe restavam mais do que uns fiapos descoloridos no crânio pelado e pouquíssimos dentes na boca, e essa lastimosa condição de bisavô ensopado tinha-o desprovido de qualquer grandeza. As suas asas de abutre velho, sujas e meio depenadas, estavam encalhadas para sempre no lodaçal. Tanto o observaram, e com tanta atenção, que Pelayo e Elisenda muito rapidamente se recompuseram do assombro e acabaram por achá-lo familiar. Então atreveram-se a falar-lhe, e ele respondeu-lhes num dialecto incompreensível, mas com uma boa voz de navegador. Foi por isso que deixaram de preocupar-se com o inconveniente das asas e chegaram à sensata conclusão de que era um naufrago solitário de algum navio estrangeiro, desfeito pelo temporal. Contudo, chamaram, para que o visse, uma vizinha que sabia todas as coisas da vida e da morte, e a ela chegou-lhe um olhar para tirá-los do engano.

– É um anjo – disse-lhes. – Com certeza vinha por causa da criança, mas o desgraçado

⁴ Conto retirado do livro “A incrível e triste história da Cândira Erêndira e sua avó desalmada”, de Gabriel García Márquez (2019).

está tão velho que a chuva o fez cair.

No dia seguinte toda a gente sabia que em casa de Pelayo tinham cativo um anjo de carne e osso. Contra o critério da vizinha sábia, para quem os anjos destes tempos eram sobreviventes fugitivos de uma conspiração celestial, não tinham tido coragem para matá-lo à paulada. Pelayo esteve toda a tarde a vigiá-lo, da cozinha, armado com o seu garrote de aguazil, e, antes de deitar-se, tirou-o de rastros do lodaçal e fechou-o com as galinhas no galinheiro alambrado. À meia-noite, quando terminou a chuva, Pelayo e Elisenda continuavam a matar caranguejos. Pouco depois o menino acordou, sem febre e com desejos de comer. Então sentiram-se magnânimos e decidiram pôr o anjo numa balsa com água doce e provisões para três dias e abandoná-lo à sua sorte no mar alto. Mas, quando foram ao pátio com as primeiras claridades, encontraram toda a vizinhança em frente do galinheiro, divertindo-se com o anjo, sem a menor devoção e a atirar-lhe coisas para comer pelos buracos dos alambres, como se não se tratasse de uma criatura sobrenatural, mas sim de um animal de circo.

O padre Gonzaga chegou antes das sete, alarmado pela desproporção da notícia. A essa hora já tinham acorrido curiosos menos frívolos que os do amanhecer e tinham feito toda a espécie de suposições sobre o futuro do cativo. Os mais simples pensavam que seria nomeado alcaide do mundo. Outros, de espírito mais austero, supunham que seria promovido a general de cinco estrelas, para que ganhasse todas as guerras. Alguns visionários esperavam que fosse conservado como reprodutor, para implantar na Terra uma estirpe de homens alados e sábios que se encarregassem do universo. Mas o padre Gonzaga, antes de ser cura, tinha sido lenhador vigoroso. Chegado aos alambres, fez uma rápida revisão do seu catecismo, e, entretanto, pediu que lhe abrissem a porta, para examinar de perto aquele varão de lástima que mais parecia uma enorme galinha decrepita entre as galinhas absortas. Estava deitado num canto, secando ao sol as asas estendidas, entre as cascas de frutas e as sobras de pequenos-almoços que lhe tinham atirado os madrugadores. Alheio às impertinências do mundo, mal levantou os seus olhos de antiquário e murmurou alguma coisa no seu dialeto quando o padre Gonzaga entrou no galinheiro e lhe deu os bons-dias em latim. O pároco teve a primeira suspeita da sua impostura ao verificar que não compreendia a língua de Deus nem sabia cumprimentar os seus ministros. A seguir, observou que, visto de perto, tinha a aparência demasiado humana: tinha um insuportável odor de intempérie, o avesso das asas semeado de algas parasitárias e as penas maiores maltratadas por ventos terrestres, e nada da sua natureza miserável estava de acordo com a egrégia dignidade dos anjos. Então abandonou o

galinheiro e, com um breve sermão, preveniu os curiosos contra os riscos da ingenuidade. Recordou-lhes que o Demônio tinha o mau hábito de servir-se de artifícios de Carnaval para confundir os incautos. Argumentou que, se as asas não eram o elemento essencial para determinar as diferenças entre um gavião e um aeroplano, muito menos o podiam ser para reconhecer os anjos. No entanto, prometeu escrever uma carta ao seu bispo, para que este escrevesse outra ao seu primaz e para que este escrevesse outra ao Sumo Pontífice, de maneira que o veredito final viesse dos tribunais mais altos.

A sua prudência caiu em corações estéreis. A notícia do anjo cativo divulgou-se com tanta rapidez que ao cabo de poucas horas havia no pátio um alvoroço de mercado, e tiveram de levar a tropa, com baionetas, para espantar o tumulto, que já estava quase a deitar a casa abaixo. Elisenda, com o espinhaço torcido de tanto varrer lixo de feira, teve então a boa ideia de taipar o pátio e receber cinco centavos pela entrada para ver o anjo. Vieram curiosos até da Martinica. Veio uma feira ambulante com um acrobata voador, que passou a zumbir várias vezes por cima da multidão, mas ninguém lhe ligou importância, porque as suas asas não eram de anjo, mas de morcego sideral. Vieram em busca de saúde os doentes mais infelizes do Caribe: uma pobre mulher que desde criança estava a contar os latejos do seu coração e já não tinha números que lhe chegassem, um jamaicano que não podia dormir porque o atormentava o ruído das estrelas, um sonâmbulo que se levantava de noite para desfazer as coisas que tinha feito acordado, e muitos outros de menor gravidade. No meio daquela desordem de naufrágio que fazia tremer a terra, Pelayo e Elisenda estavam felizes de cansaço, porque em menos de uma semana atulhavam de dinheiro os quartos de dormir, e, todavia, a fila de peregrinos que esperavam vez para entrar chegava até ao outro lado do horizonte.

O anjo era o único que não participava do seu próprio acontecimento. O tempo ia-se-lhe em procurar acomodação no seu ninho emprestado, aturdido pelo calor de inferno das lamparinas de azeite e das velas de sacrifício que lhe encostavam aos alambres. Ao princípio insistiram para que comesse cristais de cânfora, que, de acordo com a sabedoria da vizinha sábia, era o alimento específico dos anjos. Mas ele desprezava-os, como desprezou, sem os provar, os almoços papais que lhe levavam os penitentes, e nunca se soube se foi por ser anjo ou por ser velho que acabou por comer nada mais que papas de berinjela. A sua única virtude sobrenatural parecia ser a paciência. Sobretudo nos primeiros tempos, quando o espiolhavam as galinhas em busca dos parasitas estelares que proliferavam nas suas asas e os aleijados lhe arrancavam penas, para tocar com elas nos seus defeitos, e até os mais piedosos lhe atiravam pedras, tentando

conseguir que se levantasse, paravê-lo de corpo inteiro. A única vez que conseguiram perturbá-lo foi quando lhe queimaram as costas com um ferro de marcar novilhos, porque havia tantas horas que estava imóvel que pensaram que estava morto. Acordou sobressaltado, disparatando em língua hermética e com os olhos em lágrimas, e bateu as asas duas vezes, o que provocou um remoinho de estrume de galinheiro e pó lunar e um vendaval de pânico que não parecia deste mundo. Apesar de muitos terem ficado convencidos de que a sua reação não tinha sido de raiva, mas sim de dor, desde esse dia trataram de não o incomodar, porque a maioria compreendeu que a sua passividade não era a de um herói em gozo de boa reforma, mas a de um cataclismo em repouso.

O padre Gonzaga enfrentou a frivolidade da multidão com fórmulas de inspiração doméstica, enquanto lhe chegava um parecer decisivo sobre a natureza do cativo. Mas o correio de Roma tinha perdido a noção da urgência. O tempo ia-se-lhes a averiguar se o prisioneiro tinha umbigo, se o seu dialeto tinha alguma coisa a ver com o aramaico, se podia caber muitas vezes na ponta dum alfinete, ou se não seria simplesmente um norueguês com asas. Aquelas cartas de parcimônia teriam ido e vindo até ao fim dos séculos se um acontecimento providencial não tivesse posto um fim às tribulações do pároco.

Sucedeu que, por esses dias, entre muitas outras atrações das feiras ambulantes do Caribe, levaram ao povoado o espetáculo triste da mulher que se tinha convertido em aranha por ter desobedecido a seus pais. A entrada para a ver não só custava menos que a entrada para ver o anjo, mas ainda permitiam fazer-lhe toda a espécie de perguntas sobre a sua absurda condição e examiná-la pelo direito e pelo avesso, de maneira que ninguém pusesse em dúvida a veracidade do horror. Era uma tarântula espantosa do tamanho de um carneiro e com a cabeça de uma donzela triste. Porém, o mais aflitivo não era a sua aparência de disparate, mas a sincera aflição com que contava os pormenores da sua desgraça; sendo quase uma criança, tinha-se escapado de casa dos seus pais para ir a um baile, e, quando regressava pelo bosque, depois de ter dançado toda a noite sem autorização, um trovão pavoroso abriu o céu em duas metades e por aquela greta saiu o relâmpago de enxofre que a converteu em aranha. O seu único alimento eram as bolinhas de carne moída que as almas caritativas quisessem deitar-lhe na boca. Semelhante espetáculo, carregado de tanta verdade humana e de tão temível castigo, tinha de derrotar, sem premeditação, o de um anjo despeitoso que mal se dignava olhar para os mortais. Além disso, os raros milagres que se atribuíam ao anjo revelavam uma certa desordem mental, como o do cego que não recuperou a vista mas a quem apareceram três dentes

novos, o do paralítico que não pôde andar mas esteve quase a ganhar a loteria, e o do leproso a quem nasceram girassóis nas feridas. Aqueles milagres de consolação, que mais pareciam divertimentos de troça, já tinham enfraquecido a reputação do anjo quando a mulher convertida em aranha acabou de a aniquilar.

Foi desta maneira que o padre Gonzaga se curou para sempre das insônias e o pátio de Pelayo voltou a ficar tão solitário como nos tempos em que choveu três dias e os caranguejos andavam pelos quartos.

Os donos da casa não tiveram nada que lamentar. Com o dinheiro arrecadado construíram uma mansão de dois andares, com balcões e jardins e com muros muito altos, para que não entrassem os caranguejos do Inverno, e com barras de ferro nas janelas, para que não entrassem os anjos. Pelayo instalou, além disso, uma criação de coelhos muito perto da povoação, renunciando para sempre ao seu mau emprego de aguazil, e Elisenda comprou uns sapatos acetinados com saltos altos e muitos vestidos de seda furta-cor, como os que usavam as senhoras mais categorizadas nos domingos daqueles tempos. O galinheiro foi a única coisa que não mereceu atenção. Se alguma vez o lavaram com creolina e nele queimaram as lágrimas de mirra, não foi para prestar honras ao anjo, mas para conjurar a pestilência de esterqueira, que andava como um fantasma por toda a parte e estava a tornar velha a casa nova. Ao princípio, quando o menino começou a andar, tiveram cuidado para que não estivesse muito perto do galinheiro. Mas depois foram-se esquecendo do temor e acostumando-se à pestilência, e antes que o menino mudasse os dentes tinha-se habituado a brincar dentro do galinheiro, cujos alambres apodrecidos caíam aos bocados. O anjo não foi menos desabrido para com ele do que para com o resto dos mortais, mas suportava as infâmias mais engenhosas com uma mansuetude de cão sem ilusões. Ambos contraíram a varicela ao mesmo tempo. O médico que tratou o menino não resistiu à tentação de auscultar o anjo e encontrou-lhe tantos sopros no coração e tantos ruídos nos rins que não lhe pareceu possível que estivesse vivo. O que mais o assombrou, contudo, foi a lógica das suas asas. Pareciam tão naturais naquele organismo completamente humano que não podia compreender-se porque não as tinham também os outros homens.

Quando o menino foi à escola, havia muito tempo que o sol e a chuva tinham desmantelado o galinheiro. O anjo andava a arrastar-se por aqui e por ali, como um moribundo sem dono. Expulsavam-no a vassouradas de um quarto e um momento depois encontravam-no na cozinha. Parecia estar em tantos lugares ao mesmo tempo que chegaram a pensar que se desdobrava, que se repetia a si mesmo por toda a casa, e a

exasperada Elisenda gritava, fora de si, que era uma desgraça viver naquele inferno cheio de anjos. Mal podia comer, os seus olhos de antiquário tinham-se-lhe tornado tão turvos que andava a tropeçar nas vigas que sustentavam o telhado, e já não lhe restavam senão os ráquis pelados das últimas penas. Pelayo atirou-lhe para cima uma manta e fez-lhe a caridade de o deixar dormir no alpendre, e só então repararam que passava a noite com febres, delirando, em tartamudeios de norueguês velho. Foi essa uma das poucas vezes em que se alarmaram, porque pensavam que ia morrer e nem sequer a vizinha sábia tinha podido dizer-lhes o que se fazia com os anjos mortos.

No entanto, não só sobreviveu ao seu pior Inverno como até pareceu melhor com os primeiros sóis. Permaneceu imóvel durante muitos dias no canto mais afastado do pátio, onde ninguém o visse, e em princípios de Dezembro começaram a nascer-lhe nas asas umas penas grandes e duras, penas de passarão velho, que mais pareciam um novo percalço da decrepitude. Mas ele devia conhecer a razão dessas mudanças, porque tinha todo o cuidado para que ninguém as notasse e para que ninguém ouvisse as canções de navegantes que às vezes cantava sob as estrelas.

Uma manhã, Elisenda estava a cortar rodelas de cebola para o almoço, quando um vento que parecia do alto mar se meteu na cozinha. Então assomou-se à janela e surpreendeu o anjo nas primeiras tentativas do voo. Eram tão desajeitadas que abriu com as unhas um sulco de arado nas hortaliças e esteve quase a deitar abaixo o alpendre, com aqueles adejos indignos que escorregavam na luz e não encontravam apoio no ar. Mas conseguiu ganhar altura. Elisenda exalou um suspiro de alívio, por ela e por ele, quando o viu passar por cima das últimas casas, sustentando-se de qualquer maneira com um agourento esvoaçar de abutre senil. Continuou avê-lo até ter acabado de cortar a cebola, e continuou avê-lo até quando já não era possível que o pudesse ver, porque nesse momento já não era um estorvo na sua vida, mas um ponto imaginário no horizonte do mar.”

ANEXO II

QUESTIONÁRIO PARA REFLEXÃO E DISCUSSÃO DO CONTO

Corpus: Conto “Um Senhor Muito Velho com Asas Enormes” – Gabriel García Márquez

Instruções: Responda às perguntas abaixo com suas impressões sobre o conto. Prepare-se para compartilhar suas respostas na roda de conversa em sala.

1 - Contexto e Autor

a) O que você sabe sobre Gabriel García Márquez e o Realismo Mágico? Como esse estilo se relaciona com a cultura latino-americana?

b) Quais outras obras do autor você conhece? Como elas exploram a mistura entre realidade e fantasia?

2 - Análise do Conto

Espaços e Personagens

a) Como os espaços (o pátio dos mangues, o galinheiro, a casa nova) influenciam a história? O que eles representam?

b) Cada personagem reage de um jeito sobre a criatura. Descreva as atitudes dos seguintes personagens e comente sobre qual classe de pessoas eles representam.

- Pelayo e Elisenda

- A vizinha "sábia"

- O Padre Gonzaga

- A criança

- O médico

- A multidão

c) O que essas reações revelam sobre a sociedade retratada no conto?

Temas e Críticas

a) Por que as pessoas exploram comercialmente o "anjo"? O que isso diz sobre a natureza humana?

b) Qual o significado da chegada da "mulher-aranha"? Como ela se compara ao velho de asas?

c) O padre Gonzaga duvida do "anjo". O que essa atitude representa em relação à Igreja e à fé?

3. Realismo Mágico e Linguagem

a) Por que esse conto é um exemplo de Realismo Mágico? Dê exemplos de elementos fantásticos tratados com naturalidade.

b) Como a linguagem de García Márquez contribui para o tom do conto? Há humor, ironia ou crítica social?

4. Tempo e Transformação

a) Como a passagem do tempo muda a visão dos habitantes da casa sobre a criatura?

b) Por que o velho e a criança têm uma relação diferente dos outros personagens?

5. Conexões com o Mundo

a) Você consegue pensar em situações reais (notícias, filmes, livros) em que as pessoas reagem ao "diferente" como no conto?

b) O que a história nos faz refletir sobre como tratamos estranhos, migrantes ou seres que fogem do "normal"?

Dica para a Discussão:

Leve anotações e trechos do conto que chamaram sua atenção. Na roda de conversa, todos poderão compartilhar suas interpretações!

Data da Discussão: [insira a data]

ANEXO III

Análise da peça teatral adaptada *Velhos caem do céu como canivetes*, de Marcelo Flecha

A discussão em torno da adaptação literária para outro tipo de suporte, divide-se, basicamente, em duas dimensões. A teórica, na qual cada vez mais vão surgindo termos, linhas de estudos e debates, e a dimensão dos simples espectadores, vezes carregada de preconceito, vezes de desconfiança com um toque de curiosidade.

A partir do estudo comparativo entre as obras “Um senhor muito velho com umas asas enormes”, de Gabriel García Márquez, e *Velhos caem do céu como canivetes*, de Marcelo Flecha, intenta-se entender como o processo de adaptação da narrativa para o teatral acontece, bem como suas necessidades de mudança ou ainda resistências alusórias.

Acerca do processo de adaptação, ele, como uma forma de transcodificação de uma outra voz e para outro suporte, gera “alterações” profundas que ainda enfrentam resistência de certo público que não entendeu a adaptação como uma releitura. Entretanto, para usufruir da adaptação e o seu processo específico é necessário a consciência de que ambas as obras são obras distintas e que carregam mensagens próprias e de formas particulares. Dessa forma, a comparação só serve a nível de entendimento do processo de remodelagem.

O teatro é feito de uma tríade: o ator, o texto e o público (Magaldi, 1995, p. 3). Após esses três elementos-base é que se completa, com outros componentes, o espetáculo teatral. Aí então se encontra o cenário (pinturas, iluminação, mobília, objetos etc.), os elementos musicais (ruídos, canções, diálogos para fundos sonoros etc.), em relação ao ator e sua interpretação há a palavra e o silêncio, a postura, o olhar, os movimentos, o figurino, as expressões faciais e outras coisas que compõe a atuação.

Para a análise da peça teatral de Flecha, focaremos nos elementos que específicos que mais chamam atenção: No cenário, os objetos e esculturas; nas personagens, a postura, a interpretação e o figurino, e, no próximo tópico, abordaremos as particularidades do texto dramático em relação à narração e comparação.

Em *Velhos caem do céu como canivetes* existem dois personagens principais, em torno de quem o enredo gira, e os outros personagens apenas são menções que nem chegam a aparecer em cena. Um personagem, o ser alado, um dia, de repente cai no pátio da casa de um ser humano. O homem, percebendo que eles não são da mesma espécie,

passa o enredo tentando descobrir a origem da criatura, e, ao mesmo passo, o ser alado tenta desvendar os sentimentos e crenças do ser humano. Depois de muito tempo de diálogos, o ser alado revela ao ser humano que foi enviado para salvar-lhe, tornar-lhe mais humano, mas que fracassou. Apesar disso, agora poderia regressar de onde veio. Mas, no processo de alçar voo, o ser humano mata o ser alado.

Partindo agora para análise, a personagem do ser humano é claramente miserável. Seu modo de se vestir são com roupas velhas e desgastadas, sua postura é de homem insociável, descuidado pelo excesso de solidão. Da mesma forma, o ser alado não tem o triunfo destinado aos anjos, ele aparece, no primeiro momento sem roupas e é coberto pelo ser humano, portanto, as vestes dele são uma roupa improvisada. Suas asas são de pena de galinha, o que faz o telespectador duvidar de sua natureza angelical.

Figura 1: o ser humano e o ser alado se examinam mutualmente



Fonte: PrintScreen do YouTube.

Seus figurinos atestam a miserabilidade de ambos os personagens, mostrando que o ser alado não é tão superior assim ao ser humano, e que a condenação não parece estar mais sobre um que sobre o outro. Quanto ao cenário, apesar do evento passar em uma casa, o ambiente não configura o habitual de uma, com sofá, cozinha etc., mas ele é composto de vários arranjos de espaços inusitados que também contam histórias.

Figura 2: cenário da casa onde se desenvolve o enredo



Fonte: PrintScreen do Youtube

Na imagem, o cenário é composto de, principalmente, criações do ser humano: gaiolas para aprisionar caranguejos, purificador para gotas de água da chuva, paredes feitas de lixa para coçar as costas, tonteador para simular a impressão de estar bêbado e outras invenções. Esses objetos mostram como a vida do personagem é monótona e supérflua, pois nada daquelas invenções têm verdadeira utilidade, mas, ao contrário, são provas do tédio e ócio que o personagem vive. Uma vida sem perspectiva, sem utilidade, sem objetivo.

Outro tipo decoração do cenário que traz um debate curioso, são os objetos de cunho religioso. Tem esculturas de cruz, uma torre de babel feita de latas de guaraná Jesus e outros pequenos objetos. O personagem alado chega a falar para o ser humano que aquele lugar mais parecia um santuário com aqueles muros, oratórios, torres e crucifixos. Ele então alega nunca ter reparado (mesmo há anos estando preso naquele lugar) e que deveria ter sido colocado pela mulher. Esse aspecto do cenário mostra que a religiosidade se faz presente mesmo o homem indo contra isso. Que os objetos estão lá mesmo ele não querendo, que o anjo apareceu mesmo ele não chamando e que ele tinha algum tipo de fé mesmo se considerando o mais absoluto incrédulo.

A partir desses dois exemplos, vemos que, na sua peculiaridade narrativa, a peça de teatro *Velhos caem do céu como canivetes* se utiliza de todos os artifícios dramatúrgicos para contar a história de um homem (e também de uma criatura) miserável e decrépita, sem perspectiva, embora tenha esperança, sem vida, embora não queira a morte. O enredo

da peça por ser tão diferente do conto, esclarece (gerando impacto) que os dois são obras autônomas, diferentes, que se atem aos seus recursos específicos para contar uma história ligadas pela inspiração comum. Veremos agora como os enredos dessas obras se ligam, de forma a contrastar e harmonizar, cada uma com suas necessidades e escolhas próprias.

A arte de tecer

A adaptação é um processo que envolve criação e referências. As adaptações não são produzidas com a intenção da reprodução fiel do texto fonte, elas se entendem como um processo dialógico, isto é, uma constante interação entre textos, que pode ter muitas alusões à obra primeira, como também pode ter a partir de uma inspiração, muita liberdade criativa. A produção de um novo material a partir de um material antecessor significa novos personagens, eventos, enredos, ponto de vista, cenário, e, consequentemente, uma nova experiência ao telespectador.

Por isso é perigoso quando, ao conhecer uma adaptação (geralmente de romances e textos escritos) se busca a mesma vivência que se achou na obra anterior, principalmente porque os níveis de referência variam muito nas obras adaptadas, surgindo de acordo com o que o novo criador pretende alcançar.

A exemplo, o “Um senhor muito velho com asas enormes” tem o conto do Gabriel García Márquez como uma base criadora, mas quase nada do enredo permanece igual. A criatura não tem asas enormes, como no conto. O ser humano não é o mesmo personagem que Pelayo, que no conto é pai e marido e homem da casa, enquanto na peça, ele é um homem confuso, perdido em si mesmo e suas engenharias ilusórias. O ser alado não é uma atração turística como no conto, mas um poço de mistério ao homem. O homem não é um acaso infeliz na rota do anjo, como no conto, mas um objetivo e uma penitência. No conto, a principal vertente da história gira em torno da estranheza e intolerância ao diferente, enquanto na dramaturgia, o assunto do enredo se condensa em se descobrir e ser descoberto, enfatizando a natureza caída.

Mas não é lógico tratar uma obra como inferior a outra por suas diferenças. Robert Stam (2008) apregoa que a suposta superioridade da literatura deriva de uma série de preconceitos enraizados e inconscientes como por exemplo o pensamento de que a adaptação é um parasita da obra adaptada ou ainda a *logofilia*, que é a super valorização da chamada “palavra sagrada”, isto é, dos livros, pela sua antiguidade e força cultural.

As semelhanças entre as obras, conto e peça, são a nível de referências intertextuais. Como por exemplo a intertextualidade temática (Kosh, Bentes E Cavalcante, 2008), na qual se baseia a mesma área narrativa, a intertextualidade explícita, presente várias vezes nas menções diretas ao texto de García Márquez, como, por exemplo, em uma parte da peça o ser humano pergunta ao ser alado se, então, ele é só um senhor muito velho com umas asas enormes. Também a intertextualidade implícita, retratada nas alusões sem menções claras ao texto de onde se origina a referência e que só a conhecemos por ter já conhecer a obra anterior.

Por essas coisas podemos corroborar a índole independente das obras que se envolvem na adaptação, mas também podemos dizer que a autonomia não significa o desligamento de relação, pois, como diz expressa o próprio crédito da peça de Flecha, ela foi “inspirada no conto *Velhos caem do céu como canivetes*”.

Assim, ao comparar as obras “Um senhor muito velho com asas enormes”, de Gabriel García Márquez (2019) e *Velhos caem do céu como canivetes*, de Marcelo Flecha (2023) chegamos à conclusão que ambas são individuais e que as suas diferenças comprovam que isso não significa rebaixamento, pois aos analisá-las individualmente reparamos que elas não se tornam menos virtuosos nem menos legítimas mas que, pelo contrário, prova que a arte pode ser bem desenvolvida e cheia de potências significativas independente do suporte a ser transmitida.